

RELAÇÕES INTERSEMIÓTICAS EM “THE HELP”, DE KATHRYN STOCKETT, E A VERSÃO FÍLMICA “HISTÓRIAS CRUZADAS”, DE TATE TAYLOR

Giselle Oliveira da Silva(IC)* 1, giselle.oliveira.moreira@gmail.com.

Débora Cristina Santos e Silva (PQ) 2.

1- Bolsista PIBIC/UEG. Graduanda do curso de Letras do CCSEH/UEG. Pesquisadora do grupo de pesquisa ARGUS-Estudos de Cultura, Linguagem e Comportamento/ Diretório CNPq.

2- Docente do PPG-IELT. Professora do Curso de Letras do CCSEH. Líder do Grupo ARGUS/CNPq. Bolsista BIP/UEG.

Resumo: Este trabalho consiste num projeto de pesquisa que propôs analisar o filme “Histórias Cruzadas”, como também o livro que lhe deu origem, e que tem o título de “The Help” (No Brasil, “A Resposta”), da autora Kathryn Stockett. Partindo da proposta de que o cinema passa pelo processo de tradução intersemiótica, Estudos dedicados à relação entre literatura e cinema são uma eficaz ferramenta para verificar as articulações entre distintos sistemas sóicos, tais como o verbal/escrito e o audiovisual. Em sua condição de tradução intersemiótica, a adaptação fílmica é um privilegiado objeto para investigação científica no âmbito da literatura. Ambos os textos pertencem a sistemas semióticos distintos, razão pela qual se faz necessária a retomada de diferentes conceitos de tradução, que atuem em contextos e circunstâncias de adaptação cinematográfica de uma obra literária – também chamada de “tradução intersemiótica” (SANTAELLA, 2002). O trabalho busca compreender sobre tradução possibilita identificando as influências que atravessam o meio cinematográfico, assim como as suas características artísticas específicas. Em outras palavras, falar de processos de adaptação entre meios é basicamente falar das especificidades de diferentes linguagens.

Palavras-chave: **Palavras-chave:** Literatura. Cinema. Narrativa. Racismo. Mulher negra

Introdução

A história das interpretações de uma obra de arte é uma troca de experiências ou, se quisermos, um jogo de perguntas e respostas. (Hans Robert Jauss)

Com os avanços tecnológicos e a pós-modernidade, pode-se perceber um aumento de obras que passam pelo processo da tradução intersemiótica, ou seja, pela conversão de um meio semiótico a outros meios, a exemplo de obras adaptadas para a da televisão, o videogame e o cinema. Partindo da proposta de que o cinema passa pelo processo de tradução intersemiótica, este projeto propõe analisar o filme “Histórias Cruzadas”, tendo em vista o livro que lhe deu origem, e que tem o título de “The Help” (no Brasil, “A Resposta”), da autora Kathryn Stockett.

Falar da mulher negra em um contexto histórico é retratar uma herança cultural, o sentido de poder feminino, e suas relações em um espaço territorial inserido em uma sociedade essencialmente patriarcal e eurocêntrica (LAJOLO,1999). A relevância da temática decorre da necessidade de, por meio da história, entender as conquistas dos negros, propondo também refletir que a década de 1960 foi uma década de significativas transformações políticas, culturais e comportamentais.

Nesse âmbito, nosso objetivo nessa pesquisa foi discutir sobre a história de conquistas dos negros, por meio do diálogo intersemiótico, relacionando as temáticas recorrentes às intersemioses textuais, assim como as configurações de interlocução na obra e os elementos que (re)significam a temática da discriminação racial da obra escrita para as telas, promovendo diálogos e reflexão sobre feminismo, em especial, o negro, por meio da leitura de autoras negras contemporâneas como Chimamanda Ngozi Adichie, e feministas brasileiras como Djamila Ribeiro. Assim, nossa pesquisa partiu dos seguintes objetivos: a) Contribuir para um maior o interesse na artes da literatura e do cinema, através do diálogo intersemiotico entre a livro e a obra fílmica em questão; b) Promover conscientização relacionada ao racismo, bem como as conquistas dos direitos da população negra; c) Intercambiar as demarcações de identidade e discurso da mulher negra, provocando reflexões sobre o feminismo negro; d) Trabalhar o cinema e literatura como função social, política e histórica.

O cinema tem um histórico de banalizar a figura do negro, assim como a literatura, como nos mostra o autor Eduardo de Assis Duarte em seu ensaio “Mulheres marcadas: Literatura, gênero, etnicidade”:

[...] a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão “Branca para casar, preta para trabalhar, e mulata para fornicar” - assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher [...] (DUARTE,2009, online)

Estudos dedicados à relação entre literatura e cinema são uma eficaz ferramenta para verificar as articulações entre distintos sistemas sógnicos, tais como o verbal/escrito e o audiovisual. Em sua condição de tradução intersemiótica, a adaptação fílmica é um privilegiado objeto para investigação científica, no âmbito da literatura. Utilizaremos como base desta reflexão o método de análise comparativa.

Ambos os textos pertencem a sistemas semióticos distintos, razão pela qual se faz necessária a retomada de diferentes conceitos de tradução, que atuem em contextos e circunstâncias de adaptação cinematográfica de uma obra literária – também chamada de “tradução intersemiótica” (SANTAELLA, 2002). Esses conceitos e certas reflexões sobre a relação entre literatura e cinema, bem como a especificidade da linguagem de cada uma destas artes, serão pautados pelas representações entre os signos e seus objetos.

O trabalho sobre tradução possibilita identificar as influências que atravessam o meio cinematográfico, assim como as suas características artísticas específicas. Em outras palavras, falar de processos de adaptação entre meios é basicamente falar das especificidades de diferentes linguagens. A adaptação de obras literárias para o cinema é uma prática comum, uma vez que o universo da literatura inspira, das maneiras mais diversas, as narrativas fílmicas. É evidente na literatura a valorização dos fatos históricos e narrativas (auto)biográficas, tendo em vista as múltiplas semioses que têm grande compatibilidade com a linguagem cinematográfica, pois esta dispõe de recursos imagéticos e sonoros que facilitam a reprodução de eventos, como explica Santaella, quanto à teoria semiótica:

[...] a semiose, ou cadeia de significado, na teoria dos signos de Charles Peirce, é constituída pela relação triádica e dinâmica entre o signo, o objeto e o interpretante, sendo que o signo é um conteúdo apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória, pelo pensamento e liga o objeto (aquilo que ele, signo, representa ou substitui) a um interpretante (efeito que o signo produz no intérprete, ou seja, a potencialidade do signo em sugerir, significar, mas que já está inscrita no próprio signo) (SANTAELLA, 2002, p. 7-8)

Na trama em questão, é retratado o drama das empregadas domésticas negras, nos anos de 1960, num contexto de segregação e violência racial. Dentre os elementos constitutivos da obra, apontam-se as formas de enfrentamento, feminismo e resistências dessas mulheres, numa época de turbulenta luta pelos direitos civis dos negros. “The help” traz uma reflexão sobre a importância de se separar feminismo clássico do feminismo negro.

Os mecanismos hierárquicos presentes no filme são representados pelas patroas brancas, que usam formas de opressão em busca de legitimar racismo e violência. Entramos, então, no debate de categorias antagônicas em que brancos nascem livres e senhores dos negros. A obra (filme e livro) nos apresenta três personagens centrais que conduzem a história, Abilene, Minnny e Skeeter.

Para a realização da transposição da obra escrita para a obra fílmica, é necessário entender as traduções das linguagens dentro do entendimento temporal. O exemplo indica que a intersemiótica trata-se de um processo complexo, por não ser somente a tradução de diferentes códigos linguísticos, mas é preciso considerar o público, questões culturais, adaptação do tempo cronológico, pois quando determinado texto passa para o universo cinematográfico necessariamente sofre modificações; e essas alterações perpassam vários códigos de linguagem, pois lidam com o audiovisual, visual e de sentidos, como definiu Roman Jakobson: ocorre a “transmutação de um sistema de signos verbais em outro sistema de signos não verbais” (2008, p.16).

Essa verbalização é que intervém no processo de transposição, trazendo mudanças ou reduções nos diálogos, bem como no cenário e nas características físicas dos personagens. Percebe-se que no filme a violência sofrida pela personagem Minny, por seu marido, Roy, é reduzida até mesmo amenizada em relação ao livro, uma vez que, segundo o diretor Taty Taylor, poderia deixar o filme com o “clima mais pesado que o desejado”. Assim, as alterações do livro para o filme passam pelo processo artístico que envolve sensibilidade e criatividade.

Ao analisarmos os signos da tradução semiótica, constatamos que o objeto depende do signo, ou seja, neste contexto o objeto representa o signo, trazendo significado através da representação, levando ao destinatário (público) um resultado que é variável, como nos esclarece Santaella:

[...] um filme que nasce da adaptação de um romance é um signo desse romance, que é, portanto, o objeto do signo, cujo interpretante será o efeito que o filme produzirá em seus espectadores. Mas o romance em si pode também ser tomado como signo daquilo que o romance representa, seu objeto. (SANTAELLA, 2002, p. 08)

A relevância da temática decorre da necessidade de, por meio da história, entender as conquistas dos negros, propondo também refletir que a década de 1960 foi uma década de significativas transformações políticas, culturais e comportamentais. É importante, enquanto educadores, assumir um papel de compromisso político de problematizar questões etnocêntricas e excludentes para trazer reflexão histórica e questionamento, estabelecendo subsídios para promover debates e construir análise, pois “é necessário que se construa, como possibilidade real, uma escola que se apresente como instituição social vocacionada pela

promoção de uma educação democrática, plural e antirracista.” (SILVA, 2011, p, 43). E trabalhar habilidades de leitura e compreensão do texto visual é fundamental para a formação do aluno como ser pensante e questionador.

Material e Métodos

Na primeira etapa, foi feito o levantamento bibliográfico, com base em materiais convencionais, como livros, artigos, anais de eventos, revistas da área, entre outras fontes e suportes, no intuito de verificar a base teórica da temática abordada. Para isso, partimos de contribuições de autores como Lucia Santaella e Roman Jakobson, que nos deram a base das traduções semióticas; Francisco Thiago Silva (2011) e Kabengelê Munanga (1986/1994), que nos auxiliaram a compreender a necessidade da discussão racial em sala de aula; Marisa Lajolo(1999) e Gean Paulo Santana (2012) que enriqueceram nossa pesquisa sobre a literatura afro, bem como Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2004), com observações sobre autobiografia.

Utilizamos como apoio sobre a banalização da mulher negra na literatura o autor Eduardo de Assis Duarte (2009). Realizamos encontros de discussão teórica conjuntamente com coordenadora do projeto, fichando-se, resumindo e resenhando as leituras. As discussões e as produções escritas auxiliaram nas produções de artigos teóricos a respeito do tema, que foram apresentados em alguns congressos como o SEPE da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e o II Congresso Internacional de Literatura e Cultura da PUC Goiás. Além de apresentações em congressos essas leituras ampliaram nossa compreensão dos textos, fortalecendo o debate e consolidando o conhecimento adquirido.

Na segunda etapa, foram realizadas atividades de transposição didática em oficinas, com o objetivo de promover análises de diferentes textos e adaptações fílmicas. Essas oficinas tiveram como finalidade, principalmente em jovens da periferia, de resgatar suas referências para que estes tenham contato com os meios e estilos de produção estética, ressaltando a importância de conhecer sua história e cultura, destacando as diferentes identidades de uma sociedade multirracial.

Resultados e Discussão

O cronograma de atividades da pesquisa foi cumprido, em reuniões semanais com o grupo ARGUS, sob a orientação e coordenação da professora Dr^a Débora Cristina. Estes encontros foram de grande relevância, uma vez que as leituras de autores como de André Lemos, Vincent Jouve e André de Jesus Neves têm contribuído para melhorar nossa base teórica e também nos auxiliado enquanto estudantes acadêmicos e nas nossas produções de artigos. Sobre a importância desses encontros do grupo ARGUS tivemos grandes conquistas, como premiações em congressos, convites de apresentações em outras universidades, além das atividades em oficinas que preparamos em conjunto, o que contribuiu em nossa unidade e solidificação enquanto grupo.

Foi realizada uma oficina no Sepe/2017, no Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, em conjunto com colegas do grupo Argus, oferecendo aos participantes as narrativas das empregadas domésticas retratadas em “Histórias cruzadas”. Além das oficinas, o projeto foi premiado em primeiro lugar nas apresentações orais do evento.

Outras oficinas ocorreram em quatro encontros, para cerca de cem alunos do Projeto Educação Aberta (PREA), no qual sou voluntária, atuando como professora de Literatura, com a duração de cinquenta minutos cada. Nestas foram exibidos trechos do filme, com debates e discussões sobre o tema.

Durante os debates empreendidos nas oficinas, com o intento de trazer a temática para a realidade atual e brasileira, apresentamos a página do Facebook **Eu, empregada doméstica**, idealizada por Joyce Fernandes, antes empregada doméstica, que hoje é professora de história. A página denuncia relações abusivas entre patrões e trabalhadoras domésticas, sobretudo mulheres negras. Os relatos divulgados na página reúnem histórias e depoimentos que ilustram que, ainda hoje, há maus tratos sofridos por profissionais domésticas. Trazer essas narrativas para as oficinas foi de grande valia, visto que o local onde foram realizadas trata-se de um cursinho popular, voltado para alunos de baixa renda. Inclusive alguns se identificaram com essas narrativas, por experiências próprias ou de pessoas próximas. Foi um bom momento para reflexão crítica e exercício de cidadania.

O propósito de analisar os diálogos do filme com as narrativas da página **Eu, empregada doméstica** foi discutir a conquista e reconhecimento que a construção de uma identidade feminina étnico-racial constrói para a mulher negra, uma nova relação social na qual se identifica. Com efeito, o processo da narrativa de si compreende a subjetividade do homem, articulando caminhos de autoconhecimento e identidade, agregando valor pessoal e coletivo. Para indivíduos de uma classe historicamente objetivada, falar de si mostra uma singularidade que o faz “ser” no mundo, como afirma Abrahão (2004, p. 25): “as (auto)biografias são constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida. Esse processo de construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a autocompreensão, o conhecimento de si, daquele que narra sua trajetória”. A esse respeito, assinala, ainda, Mundanga:

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA 1994, p. 177-178)

As discussões relacionaram os temas recorrentes às intersemioses textuais, assim como as configurações de interlocução na obra e os elementos que (re)significam a temática da discriminação racial da obra escrita para as telas. Aprofundamos o tema *Feminismo negro* empregando a pesquisadora e filósofa Djamila Ribeiro, importante ativista dos direitos das mulheres negras. Para isso, utilizamos trechos de uma matéria escrita por ela para a revista Carta Capital “Quem tem medo do feminismo negro? ”:

Em obras sobre feminismo no Brasil é muito comum não encontrarmos nada falando sobre feminismo negro e isso é sintomático, feminismo pra quem? É necessário de uma vez por todas entender que existem várias mulheres contidas nesse ser mulher e romper com essa tentação de universalidade que só exclui” (RIBEIRO, 2015, online)

Durante as oficinas, trouxemos para as discussões a produção literária da romancista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, reconhecida como uma das mais importantes escritoras negras da atualidade. A tônica de seus romances é a narrativa da mulher negra, falando de si, das suas experiências, por dentro de sua “própria voz”, deixando de ser objeto, e tornando-se sujeito.

Constatamos que, em parte dos alunos que participaram das oficinas, há uma resistência em entender a necessidade de falar sobre racismo, e também sobre feminismo negro e suas perspectivas, o que nada mais é que a consequência de uma educação escolar em que o negro tem sua cultura e identidade ignoradas ou mesmo negadas. Sobre essa questão, Munanga argumenta:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas (MUNANGA, 2005, p.????)

Apesar de algumas complicações, acreditamos que alcançamos o objetivo de trazer um entendimento aos alunos do que se trata essa relação semiótica entre o livro e a obra fílmica, tema essencial para quem está se preparando para o exame do Enem e Vestibular, trabalhando também a discriminação racial a partir das artes e da literatura, promovendo o resgate e valores humanos, e possibilitando interação, autoconhecimento e humanização.

Considerações Finais

Ao concluirmos nossa pesquisa, entendemos que as oficinas realizadas nos proporcionaram experiências profundas que levaremos por toda nossa trajetória acadêmica e humana. É importante, enquanto educadores, assumir um papel de compromisso político de problematizar questões etnocêntricas e excludentes para trazer reflexão histórica e questionamento, estabelecendo subsídios para promover debates e construir novas opiniões, pois “é necessário que se construa, como possibilidade real, uma escola que se apresente como instituição social vocacionada pela promoção de uma educação democrática, plural e antirracista.” (SILVA, 2011, p, 43). Ademais, trabalhar habilidades de leitura e compreensão do texto visual é fundamental para a formação do aluno como ser pensante e questionador.

Nessa breve reflexão, encerramos assim nosso projeto, que buscou abordar a tradução intersemiótica de um meio impresso (verbal) para um meio visual (não-verbal), trabalhando a questão da discriminação racial, das lutas e conquistas dos direitos de pessoas excluídas, a partir das artes e literatura. Nosso trabalho pedagógico se mostrou satisfatório, contribuindo para a formação de nós mesmos e de nossos alunos.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter me dado a graça de ser filha de Denizete R. Oliveira da Silva que, mesmo por pouco tempo na terra, me ensinou a ter orgulho de ser mulher negra e empregada doméstica (minha primeira profissão). À minha orientadora, Dra. Débora C. Santos e Silva, por tão generosamente compartilhar seus conhecimentos acadêmicos e mostrar o melhor caminho a seguir academicamente. À Universidade Estadual de Goiás (UEG), pelo apoio financeiro. Aos meus colegas do grupo ARGUS pela parceria.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.) **A aventura (auto) biográfica – teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004

CARTA CAPITAL. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/quem-tem-medo-do-feminismo-negro-1920.html>. Acesso em: 17/04/2017

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: Literatura, gênero, etnicidade. **Terra roxa e outras terras - Revista de Estudos Literários**. Minas Gerais, UFMG, 2009. (online)

HISTÓRIAS Cruzadas. Direção: Tate Taylor. Estados Unidos: 1492. Pictures / Imaginativo Abu Dhabi FZ / Harbinger Pictures / DreamWorks SKG / [Produção]. Filme (146 min.), NTSC, color. Título original: The Help.

JAKOBSON, R. **Linguística. Poética. Cinema**. 2ed. São Paulo, Perspectiva, 2007

LAJOLO, Marisa. Romance Epistolar: o voyeurismo e a sedução dos leitores. **Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ**. Encontros de Escritores; Rio de Janeiro: UFRJ, ano 2, v.2. p. 61-75, 1999.

MUNANGA, Kabengêlê. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo, Ática, 1986

MUNANGA, Kabengel. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994

MUNANGA, Kabengêlê **Superando o racismo na escola** 2 ed, Secad, Brasília, 2005

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SILVA, Francisco Thiago. Currículo e Diversidade: Propostas para uma Educação Antirracista nos Anos Iniciais. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**. São Gotardo, 2011.

STOCKETT, Kathryn. **The HELP**. Estados Unidos: Penguin Books, 2009.

SANTANA, Gean Paulo Gonçalves. Cartografias do olhar: **Metáforas identitárias na literatura afro**. Uberlândia, EDUFU, 2012.

O ESTADÃO. Disponível em: O estadoão
<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,diretor-de-historias-cruzadas-fala-sobre-parceria-com-autora-da-obra-imp-,830378>. Acesso em: 17/04/2017